



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

CINEMA NEGRO UNIVERSITÁRIO: lócus de experimentação para cineastas em formação

Ana Lúcia Nunes de Sousa¹, analucia.sousa@eco.ufrj.br

RESUMO

Este relato de experiência analisa dois curta-metragens produzidos por estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no marco de uma disciplina no ano de 2019. Os filmes abordam questões raciais de forma complexa, construindo representações da negritude que fogem das imagens de controle e complexificam as vivências negras.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema; negro; universitário; negritude; formação.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, 56% da população se autodeclara negra e 0,83% se declaram indígena (IBGE, 2022). Entretanto, ao analisar nossos produtos audiovisuais de massa, é inegável a inviabilização desta população. Negros e indígenas pouco aparecem na TV, no cinema ou na publicidade. Também não estão atrás das câmeras. Uma pesquisa realizada pela Cinemateca negra (2024) revelou que, entre 2010 e 2020, 10% dos filmes brasileiros foram dirigidos por pessoas negras. Parece pouco, mas na verdade,

¹ Doutora em Comunicação e Jornalismo pela Universidad Autónoma de Barcelona. Professora e pesquisadora na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



estes números revelaram um aumento exponencial na produção audiovisual negra. Entre 1995 e 2018, apenas 2% dos filmes haviam sido dirigidos por pessoas negras.

O cinema contribui diretamente para a criação de imaginários sociais. Pessoas negras e indígenas, quando aparecem, em sua maioria, representam personagens em posições subalternas. Há uma narrativa única sobre a vida e a cultura destes povos, como afirma Chimamanda Adichie (2019). Por outro lado, precisamos destacar o audiovisual insurgente produzido por estes 10% de pessoas negras e por um grupo ainda menor de pessoas indígenas. São narrativas imersas na experiência, no território e nas histórias singulares destes povos, retratadas de forma profunda. Estas produções têm desafiado as imagens de controle (Collins, 2019) e os estereótipos (Hall, 2016), propondo novos regimes de visibilidade para corpos, territórios e histórias atlânticas.

É neste contexto, que trabalhamos, a partir da Universidade, a criação de um espaço de transformação social no audiovisual, criando possibilidades para que as histórias negras, indígenas e periféricas sejam contadas por seus próprios protagonistas, a partir de seus pontos de vista. Estes espaços podem ser criados tanto nas disciplinas que compõe a matriz curricular dos cursos, a partir de uma postura pedagógica engajada (hooks, 2013), estimulando estudantes a narrarem histórias que partem de sua própria realidade, como em projetos de pesquisa e extensão.

Neste relato de experiência, analisamos dois curtas-metragens realizados por estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro no marco de uma disciplina realizada em 2019. Os filmes escolhidos para esta análise são ensaios estudantis para um devir de “cinemas negros”, que abordaremos mais detalhadamente na próxima seção.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



1.1 Cinemas negros: celebrar a negritude a partir de um olhar opositor

hooks afirma que somos “bombardeados por imagens profundamente negativas do que é ser negro: imagens que atacam a psique de todos” (hooks, 2019, p.25). A autora chama a atenção, ainda, para o fato de que muitas pessoas negras nos Estados Unidos da América haviam conseguido produzir, dirigir e roteirizar, mas que haviam seguido os mesmos padrões da cultura dominante, reproduzindo imagens de controle e estereótipos de pessoas negras, principalmente das mulheres negras. Neste sentido, hooks (2019) defende que transformar o olhar e a imagem é uma tarefa fundamental:

De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores (hooks, 2019, p.32-33).

A educadora propõe que artistas e intelectuais negros busquem novas formas de escrever, falar e representar as questões raciais, transformando as imagens construídas sobre o povo negro. Ela enfatiza que “controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial” (hooks, 2019, p.33). Mas, não se trata apenas de denunciar a ausência de representação e a construção de estereótipos e imagens de controle. hooks afirma que é preciso transformar as imagens, fazendo, portanto, um chamado a construir imagens críticas, que possam transformar nossas visões de mundo, afastar-se do dualismo do bem e do mau e falar sobre o que não vem sendo abordado.

É a partir desta ideia ou deste chamado que nascem os cinemas negros. Sobrinho (2017, p.163) define este cinema como “expressões da imagem em movimento em que domina a presença de questões formais, narrativas e conceituais de herança africana, com grande ênfase na produção da diáspora negra em diferentes contextos”. Já Souza (2020) explica que é um cinema no qual a história e cultura negras



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



são referências fundamentais para a construção de novas narrativas audiovisuais. Neste sentido, a autora reforça, ainda, o fato de que o cinema negro propõe novas formas de representação que rompem com as narrativas convencionais, ampliando as possibilidades expressivas do cinema.

Assim, constrói-se um cinema que não se dedica apenas a ser uma resposta às representações negativas da negritude criadas, historicamente, pela branquitude. Não se trata de criar um cinema que apenas retrate a negritude positivamente (hooks, 2019, p.244). A proposta do cinema negro é ir além. hooks afirma que deve ser “um chamado à celebração da negritude em toda a sua diversidade e complexidade (hooks, 2019, p.254).

Os cinemas negros, imbuídos do “espírito de criatividade opositora” (hooks, 2019, p.240) produzem imagens que transmitem a complexidade, profundidade e diversidade das experiências negras. O cinema com protagonismo intelectual negro busca deslocar as representações convencionais da negritude, construindo “territórios próprios” (Ferreira e Souza, 2025, p.43), que propõe “uma reelaboração das gramáticas cinematográficas, instaurando um novo paradigma de criação” (p.44).

2. METODOLOGIA

Os curtas-metragens foram escolhidos intencionalmente, a partir de produções audiovisuais realizadas em uma disciplina na qual a autora foi docente, no ano de 2019. As obras foram escolhidas obedecendo a dois critérios: 1) tematizar, de forma profunda, questões raciais; 2) ser produzido por pessoas majoritariamente negras.

A análise desenvolvida nesta comunicação parte dos ensinamentos de Penafria (2009). Penafria parte da decomposição fílmica para compreender e interpretar as relações apresentadas no filme. Segundo ela, a análise não é um objetivo em si mesmo, mas uma ferramenta para chegar a outro propósito. Neste trabalho, o propósito é



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



entender como questões raciais são abordadas nos filmes realizados pelos estudantes. Vinculamos esta análise às premissas do cinema negro, portanto, o trabalho analítico aqui empreendido se propõe a pensar como as narrativas construídas pelos estudantes se posicionam (ou não) como narrativas negras.

3. Os cinemas negros universitários em análise

O primeiro filme analisado é “TOXIC” (13’39”), curta-metragem ficcional produzido em 2019, no âmbito da disciplina “Cinema, arte e educação”. O filme retrata o relacionamento tóxico de dois jovens: Pedro, um homem negro, e Lany, uma mulher branca. No curta, acompanhamos uma relação amorosa marcada pela masculinidade tóxica. Pedro, um jovem negro, pobre, que vive na periferia e enfrenta dificuldades financeiras parece acabar encontrando no machismo, na pornografia e na agressividade uma válvula de escape para seus problemas. A última cena mostra a consequência fatal do machismo atrelado à desigualdade social, que estão presentes desde a primeira cena do filme.

Por um lado, podemos dizer que o filme reproduz imagens de controle e estereótipos perigosos sobre o homem negro, ao apresentá-lo como agressivo e altamente sexualizado. Por outro, o curta se afasta da dualidade bem x mal, defendida por hooks. Ao mesmo tempo que o personagem Pedro celebra a negritude, portando elementos da cultura negra, como o cabelo *black power*, o pente garfo, uma tatuagem de Sankofa no braço, é um jovem com a saúde mental abalada pela pobreza. Assim, ao mesmo tempo que a obra apresenta elementos da negritude, que são tão caros ao cinema negro, não tem tempo para aprofundar na complexidade apresentada pelo personagem. Pedro seria apenas mais um homem negro violento? Não conseguimos adentrar na psiquê do personagem e explorar mais a fundo os elementos que constroem sua masculinidade tóxica.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Importante pontuar que a escolha do tema, a construção narrativa e estética foi escolhida livremente pelos estudantes e acompanhada, de forma processual, pela docente responsável pela disciplina. O Programa da disciplina contou com referências teóricas e fílmicas negras, abrindo a possibilidade para que pessoas negras se sentissem confortáveis e convidadas a contar suas próprias histórias. A escolha por trilhar aproximações com os cinemas negros ressalta que este é um caminho natural para pessoas negras quando esta oportunidade lhes é apresentada.

O segundo curta-metragem analisado é “Entrelírios” (06’49”), caracterizado como ficção pelas estudantes, mas aqui tomo a liberdade de reposicionar a obra como um ensaio documental. O curta retrata a vivência de mulheres negras, trabalhadoras, a partir de seus processos de cuidado, lutas e fé. Vemos uma mulher negra trabalhando na limpeza, outra na enfermagem. A fé em forma de poesia aparece pela imagem de Oxum numa cabeceira, ao lado de remédios. O resultado de um exame do Instituto Nacional do Câncer. Mudamos de cenário e vemos, na Universidade, duas jovens trabalhando com livros, fotos e, no fim, um notebook com um documento aberto e o título “Entrelírios”. Ainda, uma última cena, com as jovens vestidas de branco em frente à reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O ensaio nos apresenta mulheres negras trabalhadoras. Pese a que apresente estas mulheres em condições de trabalho marcadas pela subalternidade, não são imagens que reproduzem estereótipos, uma vez que não as reduzem. A poesia que envolve o trabalho, pelo contrário, traz afeto às cenas. Não vemos sofrimento no trabalho. As referências de negritude estão presentes em cada minuto do curta-metragem: na trilha sonora de Luedji Luna e Elza Soares, nas referências Oxum - tanto a imagem como nas águas de Oxum, que aparecem na cena inicial; nas fotos de pessoas negras felizes e celebrando; na cena final, com as diretoras-personagens, vestidas de branco, tal qual prezam as religiões de matriz africana.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas duas obras – que são apenas um recorte de muitas obras que vem sendo produzidas no âmbito de disciplinas das quais participo como docente, como Documentário, no curso de Jornalismo; e Produção Audiovisual e Direção de Audiovisual, no curso de Comunicação Social/Radialismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – demonstram que o cinema universitário pode ser um locus de experimentação para cineastas negros e negras em formação.

As obras analisadas nos permitem ver que as e os estudantes exploram a complexidade das vivências negras em suas obras, seja analisando a masculinidade tóxica – da qual os homens negros também são vítimas/algozes – ou criando narrativas femininas negras afetivas.

Portanto, como docente negra da área de audiovisual, defendo firmemente que o corpo discente seja apresentado a referências de filmes nos quais a negritude seja deslocada das representações convencionais, criando possibilidades para que uma nova gramática cinematográfica possa emergir a partir dos olhares e vivências desta grande parcela da população que hoje pode sentar-se, também, nos bancos de nossas universidades.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Heitor. **Cinamateca Negra**. São Paulo: Nicho 54, 2024.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo editorial, 2019.

FERREIRA, Ceíça e SOUZA, Edileuza Penha. **Cinema negro no feminino. Afeto e pertencimento além das telas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, p. 24, 2016.

hooks, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. **São Paulo: WMF Martins Fontes**, v. 2, 2013.

hooks, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Editora Elefante, 2019.

SOBRINHO, Gilberto Alexandre. Identidade, resistência e poder: mulheres negras e a realização de documentários. **Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro**, p. 163-174, 2017.

SOUZA, Edileuza Penha. Mulheres negras na construção de um cinema negro no feminino. **Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento**, v. 7, n. 1, p. 171-188, 2020.